

MEMÓRIA E DISCURSO RELIGIOSO NA COLUNA SENTIMENTAL: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE EM MEIO A CULTURA DO ESPETÁCULO.

Alessandro Alves da Silva (PICV-PRPPG/UNIOESTE), Alexandre Sebastião Ferrari Soares (Orientador/UNIOESTE), e-mail: alessandroalvesdasilva@hotmail.com.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras/Colegiado dos Cursos de Letras – Marechal Cândido Rondon – PR.

Palavras-chave: análise do discurso, discurso religioso, discurso jornalístico.

Resumo:

Sob a égide da Escola Francesa de Análise do Discurso (AD) o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise (dentre tantas outras possíveis) do funcionamento discursivo das cartas de leitores publicadas em 2007 pelo jornal *Folha Universal* (jornal da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD) na coluna *Espaço Sentimental*. Nessa coluna são publicadas cartas de leitores interessados em namoros, casamentos ou em conhecer pessoas. As colunas dos jornais destinadas à publicação das cartas dos leitores são espaços onde (em parte) é “permitida” a “fala” destes leitores. Soma-se a isso o fato de que historicamente, constituíram-se no imaginário do público leitor (de forma quase que geral), crenças de que o discurso jornalístico organiza-se a partir dos mitos de *verdade, objetividade, neutralidade e imparcialidade* (MARIANI, 2005) e que a linguagem veiculada é, exclusivamente, um instrumento de transmissão de informações. Diante desse contexto, objetiva-se, neste estudo, observar como os discursos religiosos são veiculados nas cartas de leitores e de que formas as formações ideológicas e discursivas se materializam nesses textos. Além disso, objetivar-se-á a compreensão de como a organização das narrativas das cartas constrói sentidos. As análises permitiram verificar que: 1) a coluna homogênea as narrativas feitas nas cartas de leitores, transformando tais narrativas em modelos de condutas a serem seguidas; 2) o discurso sentimental (o que propõe encontros nessa coluna) é uma forma de reprodução da moral religiosa e também uma forma de catequese dos leitores. O que está em jogo aqui é a construção de uma memória discursiva do presente e do futuro e também de uma identidade.

Introdução

A sociedade pós-moderna - em que as tecnologias da informação e a mídia transformam a cultura em um espetáculo a ser consumido pelos espectadores -, chamada por alguns estudiosos de “sociedade do

espetáculo”, é marcada pelos seus espetáculos discursivos. O crescente uso dos meios de comunicação de massa para integrar ideais, afirmar valores, fortalecer posições ideológicas, interesses e instituições é um fenômeno que há um bom tempo vem ocupando espaço na sociedade brasileira. Jornais, revistas, rádios, televisões e, mais recentemente, a internet, estão cada vez mais nas mãos de grupos empresariais, políticos e religiosos que disputam seus espaços sociais e se servem da mídia para conquistarem seus objetivos.

O discurso midiático, como afirma Navarro (2008, p. 61), é “uma prática discursiva identitária” na qual “podemos encontrar deslocamentos e/ou (re)significação de mitos e de elementos do passado para explicar o presente e, até mesmo, construir uma memória do futuro”.

Diante desse contexto, o discurso jornalístico acaba por se legitimar como sendo um discurso construtor de sentidos que produz sentido e memória através de inúmeras práticas discursivas, práticas estas, permeadas pelo simbólico, pelo ideológico e pelo histórico, que se materializam na linguagem enquanto fenômeno social.

Materiais e Métodos

O trabalho de investigação desta pesquisa está sendo desenvolvido, essencialmente, por meio de montagem de bancos de dados e de revisão bibliográfica das cartas de leitores (usando o jornal impresso) publicadas em 2007 pelo jornal *Folha Universal* (jornal da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD) na coluna *Espaço Sentimental*. Para trabalhar com o *corpus* de estudo, está sendo utilizada, principalmente, a concepção francesa de Análise do Discurso (AD), que nos orienta nas análises dos dados.

Resultados e Discussão

A concepção francesa de Análise do Discurso: breves considerações

A Escola Francesa de Análise do Discurso, que se convencionou em chamar abreviadamente de AD, surgiu no final da década de 60 dentro de um debate filosófico que buscava estabelecer as bases materialistas para as práticas da linguagem (daí se falar em materialidade da linguagem, ou seja, inscrição da língua na história). História entendida aqui não como cronologia, mas como ruptura, como descontinuidade.

Ao relermos Gadet & Hak (1990) citando Pêcheux (1969), percebemos que naquele contexto a Lingüística aparece como “o carro chefe” das ciências humanas. A Lingüística da época, sob a égide do estruturalismo Saussureano, confere cientificidade aos estudos da linguagem. De acordo com Mussalim (2003, p. 101), a AD francesa se situa na articulação destas três regiões do conhecimento científico: Estruturalismo, Marxismo e Psicanálise. Dada a especificidade da AD, ela vai produzir um descentramento, uma fragmentação neste sujeito controlador – sujeito centrado do psicologismo - do que diz e do que pensa

(“sou eu que falo / sou eu que faço este discurso / eu sei muito bem o que digo”). Agora, falam nele o “Outro” (inconsciente) e o “outro” (algo que lhe é exterior, mas também constitutivo: os contextos simbólicos – questões referentes ao imaginário -, sócio-ideológicos e históricos).

É importante lembrar que embora a AD francesa tenha a sua origem na Lingüística, ela trabalha na articulação daqueles três campos mencionados anteriormente, isto é, ela não é nem totalmente marxista, nem estruturalista, muito menos psicanalítica. O que ela faz é trabalhar com recortes dentro destas áreas, por assim dizer.

A AD, por ser uma prática e um campo da Lingüística e da Comunicação ‘especializada’ em observar construções ideológicas presentes em textos, tem sido muito utilizada para analisar textos da mídia e as respectivas ideologias que os mesmos trazem veladas. Isso é facilmente compreensível se atentarmos para o fato de que saímos da “Idade Média” e entramos na “Idade Mídia”, na qual há um incessante uso dos meios de comunicação para integrar ideais, afirmar valores, fortalecer posições ideológicas, interesses e instituições. A Análise do Discurso considera como uma importante parte que constitui o sentido, o contexto histórico-social. Considera, portanto, as condições em que determinados textos foram produzidos (texto e contexto). Se o contexto for ignorado, todo ou pelo menos boa parte do sentido do texto é alterado. Isso quer dizer que o contexto histórico-social no qual ocorre a enunciação do discurso não deve ser deixado de lado.

Um conceito fundamental para a AD é o de condições de produção. Conforme nos ensina Orlandi (2005), as condições de produção vão compreender os sujeitos envolvidos na enunciação (quem fala, de que lugar fala, para quem fala, em que contexto fala, etc.). Visto sob este prisma, têm-se as imagens da posição do sujeito locutor, do sujeito interlocutor e também do objeto do discurso. O discurso aparece para a AD como um local, uma arena na qual ocorrem conflitos e embates entre posições ideológicas diferenciadas.

Então, ao contrário do que pretende o estruturalismo linguístico (para o estruturalismo lingüístico a língua já está “pronta” e “acabada”: ela é um produto final, acabado), que funciona muitas vezes por oposição (por exemplo: os fonemas /p/ e /a/ são diferentes em zonas de articulação), a AD não vai considerar um texto, simplesmente como um conjunto de enunciados unificados por posições ideológicas não-conflitantes. Para a AD o texto ou discurso (já que teoricamente toda produção de linguagem pode ser considerada “discurso”) é heterogêneo, pois se constitui (muitas vezes) de discursos divergentes cujas fronteiras são rompidas através de relações de atravessamento discursivo: os discursos que atravessam os sítios de significância de outros discursos, como por exemplo, o discurso político sendo atravessado pelos sítios de significância do discurso religioso cristão, como forma de dar mais credibilidade ao candidato político, já que no Brasil grande parte da população é católica.

O confronto de forças discursivas dentro de um determinado momento histórico é trabalhado pela AD sob o conceito de formação

ideológica (FI). Já o termo formação discursiva (FD) refere-se ao lugar no qual se articulam discurso e ideologia. Desse modo, uma ou mais formações discursivas são governadas por uma ou mais formações ideológicas. Como uma FI coloca em relação mais de uma força ideológica, uma FD colocará em jogo mais de um discurso. Uma FD não se encontra isolada, mas em constante relação (de aliança, dominação ou antagonia) com outras FD's. Uma FD caracteriza-se, então, pelas relações que ela estabelece com outras FD's no espaço interdiscursivo.

Portanto, para a AD, o que importa (grosso modo) é o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos e os enunciados que estes sujeitos produziram. Estes enunciados, segundo a AD, já se encontram demarcados, pré-construídos pelo já-dito, que ecoa determinados sentidos e não outros em certas formações discursivas.

Os sentidos se constroem à medida que é construído o discurso. Porém, não são quaisquer sentidos que são construídos em uma FD, posto que eles são, em parte, previstos e controlados pela formação ideológica que rege determinado discurso.

Os discursos das cartas de leitores dentro do discurso jornalístico

Neste estudo são apresentadas três cartas que funcionam parafrasticamente em relação a muitas outras, que também foram analisadas. Após esta breve exposição das cartas, seguem as discussões e os resultados preliminares desta pesquisa.

Carta 1. HOMEM DE DEUS

Quero me corresponder com um homem de Deus, entre 35 e 38 anos, **que seja** fiel, paciente, **da IURD.** Sou separada, tenho 34 anos, morena clara, simpática, olhos e cabelos castanhos, 52 kg, dois filhos e **sou da IURD.** Peço foto e telefone. (*Folha Universal*, coluna *Espaço Sentimental*, edição 786, de 29 de abril a 5 de maio de 2007, grifos nossos)

Carta 2. IGUALMENTE DE DEUS

Tenho 53 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,60 m, sou morena clara, **amo a Deus. Desejo conhecer um homem igualmente de Deus,** que tenha entre 1,65 m e 1,80 m, de 55 a 60 anos, **da IURD, seja de Deus** e tenha vida definida. Pode ter filhos. Peço foto e telefone. (*Folha Universal*, coluna *Espaço Sentimental*, edição 797, de 15 a 21 de julho de 2007, grifos nossos)

Carta 3.

DE QUALQUER PARTE DO BRASIL

Sou membro da IURD, moreno claro, solteiro. Tenho 58 anos, 1,70 m, 74 kg. **Gostaria de me corresponder com uma mulher de Deus**, de qualquer parte do Brasil, **para uma amizade sincera e futuro relacionamento. Que seja sincera, temente a Deus, com características semelhantes às minhas.** Peço foto e telefone. (*Folha Universal*, coluna *Espaço Sentimental*, edição 800, de 5 a 11 de agosto de 2007, grifos nossos)

As narrativas destas cartas funcionam discursivamente de forma distinta do discurso jornalístico, pois são narradas em primeira pessoa, enquanto as reportagens costumam ser escritas em terceira pessoa (no discurso jornalístico de cunho “informativo”, por exemplo, costuma-se evitar o uso de advérbios, já que eles são marcas de sujeito no discurso), o que produz um efeito de neutralidade, imparcialidade e distanciamento em relação ao fato narrado pelo enunciador midiático. Embora funcionem discursivamente de forma distinta, as narrativas das cartas por estarem inseridas dentro do discurso jornalístico, acabam sendo absorvidas por ele (ou melhor, conforme nos ensina Mariani (2005), pelo seu efeito de sentido no imaginário de muitos leitores: *verdade, objetividade, neutralidade e imparcialidade*), tornando às vezes, confusa uma possível separação.

Nessas cartas o sujeito enunciador geralmente assina embaixo da publicação (da carta que escreveu). Podemos dizer que nas narrativas dessas cartas há a marca de uma subjetividade (o Eu). Entretanto, não é apenas isso. Essa subjetividade de quem escreve a carta e assina embaixo – “sou eu que escrevo, eu que faço esse discurso” – também indica processos de construção identitária. Em seu livro *Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)*, Althusser (1985) argumenta que a ideologia religiosa cristã se dirige aos indivíduos para transformá-los em sujeitos cristãos com s minúsculo, posto que, na ideologia religiosa cristã a proposição Deus é o Sujeito absoluto com S maiúsculo que interpela os demais sujeitos e não é interpelado.

A ele (Deus: o Sujeito) os sujeitos (com s minúsculo: “que foram feitos por ele à sua imagem”) devem submeter-se para serem “salvos”. Portanto, ao trazermos as reflexões de Althusser (1985) para o quadro teórico da AD francesa, percebemos que no discurso religioso cristão a identidade dos sujeitos cristãos é marcada pelo assujeitar-se, pelo deixar-se interpelar por algo (Deus) que lhe é superior. Nas cartas aqui analisadas há uma produção discursiva de identidades marcada pelo assujeitamento.

Uma das “vantagens” do assujeitamento ideológico é que não se precisa usar a força bruta, pois a ideologia interpela livremente os sujeitos (para que eles aceitem “livremente” a sua sujeição) e lhes impõe lugares, papéis e funções. Ele, em muitos casos, pauta-se no que se pode chamar de ideologia do livre arbítrio (escolhi X ao invés de Y, pois esta foi a minha

vontade: sou “livre” para escolher). O fiel, na condição de quem enuncia a partir de uma ou mais formações discursivas e ideológicas cristãs, reconhece o seu papel, a sua identidade como “sujeito cristão” no discurso religioso. Ele é sujeito (com s minúsculo, que nesta condição de fiel, é interpelado por Deus) enquanto Deus é o Sujeito (com S maiúsculo, que interpela os demais sujeitos).

O enunciado “Temente a Deus” (presente em muitas cartas) pode parecer apenas respeito sem medo, mas não o é. De acordo com Eliade (2001) para um crente (aquele que acredita em Deus) Deus é a manifestação terrível da cólera divina. Deus é poder, é um poder imenso, manifestado, algumas vezes, em uma fúria avassaladora. O fiel, mesmo que não diga, sente isso, sente-se agrilhado, acorrentado a este poder descomunal. Este acorrentamento, como já dissemos, é ideológico e pode ser facilmente percebido, por exemplo, no discurso religioso cristão, onde o fiel é interpelado por Deus (ou melhor, pelo discurso cristão, pela voz de Deus que “fala” nele e no mundo).

Paralelo a isto, pode-se refletir sobre o desejo do poder (por parte dos “sujeitos cristãos”), pois embora os sujeitos cristãos sejam “Tementes a Deus” (tenham medo), eles desejam, querem estar ao lado deste poder, sendo “Homens de Deus”. Melhor estar ao lado desta fúria avassaladora, submetendo-se a ela, mas também obtendo benefícios com essa aliança (por exemplo: as promessas para receber algo em troca de uma penitência ou oração – o que Soares (2006, p. 15) chama de “barganha da fé” -, dentre outros) do que contra ela, colhendo apenas os resultados negativos (por exemplo: “você sofreu isto por castigo de Deus, por não o obedecer, por desrespeitá-lo”). Melhor estar ao lado de Deus (poder) do que contra ele.

Acreditar em Deus e submeter-se à ideologia religiosa cristã com seus dogmas e demais ensinamentos (ser assujeitado, interpelado por ela) tornando-se “sujeito cristão” é condição *sine qua non* (necessária) para se obter a salvação. Barganha da fé, promessa que se faz em troca de uma recompensa, etc.; aí estão situados os sujeitos nas formações ideológicas e discursivas cristãs. Aqui estão algumas das identidades dos “sujeitos cristãos”. Nas formações ideológicas e discursivas cristãs a fé atua como um elemento de identidade: ela separa os que crêem em Deus e se assujeitam/são interpelados por ele, e que, portanto, serão salvos, acolhidos; dos que não crêem e não se deixam assujeitar-se pela ideologia cristã, e provavelmente, estarão condenados à danação eterna (“chamas do inferno”).

A voz de Deus (no discurso religioso cristão) é falada por seus intermediários (padres, bispos, pastores, etc.) que detém um lugar na ordem do discurso e que esse lugar lhes permite enunciar com autoridade. Orlandi (2005) nos mostra que muitos gestos de interpretação relacionam-se intimamente com discursos já institucionalizados, o que ajuda a produzir determinados efeitos de sentido. Nas narrativas das cartas que vimos acima, os fiéis interpretam os discursos institucionalizados pelo aparelho ideológico religioso de acordo com os gestos de interpretação delegados pelos sujeitos (especialistas: os sujeitos da interpretação) com esta função: bispos,

pastores, etc. e também de acordo com a instituição, que de acordo com Foucault (2002), “lhes atribui estes papéis, estes poderes”. Em outras palavras, os fiéis (os sujeitos cristãos) falam a partir de um lugar, de uma posição, e ao falarem, ao produzirem ‘seus discursos’, eles repetem em ‘seus discursos’ os gestos de interpretação institucionalizados pelos enunciadores autorizados do discurso religioso (pastores, padres, etc.) e pela instituição religiosa (por exemplo, Igreja Universal, Igreja Católica, etc.), que atribui “em nome de Deus” este poder da palavra (do discurso) a estes enunciadores, que por assim dizer, fazem ecoar, fazem falar “a voz de Deus” aqui na Terra e também, na condição de humanos, são instrumentos de Deus, são assujeitados por Deus.

Dessa forma, podemos dizer que a formação discursiva (FD), isto é, o lugar de onde o sujeito enuncia, atua, de certo modo, como uma espécie de “camisa de força” ou “cadeia ideológica”, pois o sujeito do discurso ao enunciar encontra-se (em maior ou menor grau) preso à cadeia de significados que são constantemente (des)construídos e controlados pelos discursos desta formação discursiva. Para que suas palavras façam sentido, é necessário que ele esteja enunciando de um determinado lugar que o mesmo ocupa numa formação discursiva dada. Se o sujeito, ao enunciar um discurso, mudar de formação discursiva, podem ocorrer deslizamentos de sentido: um mesmo discurso que em determinada FD é ameaçador, pode ecoar como ridículo em outra FD.

Eni Orlandi (2006) separa os discursos por tipologias. De acordo com os estudos da pesquisadora, é necessário separar os diferentes tipos de discurso segundo o seu funcionamento discursivo. Daí nascem às tipologias, que Orlandi (2006) divide em: discurso autoritário, discurso polêmico, etc. Neste trabalho nos interessa o discurso autoritário, pois nele se enquadra grande parte do funcionamento discursivo do discurso religioso cristão.

No discurso autoritário temos o uso de paráfrases: repetição de um dizer em outras palavras ou tradução de um texto com outras palavras, de modo que “o sentido” – ou ao menos parte dele -, geralmente é preservado. Ao falar de paráfrase vem a mente outro conceito: a polissemia. No discurso lúdico, por exemplo, a derrisão (o riso) é causada, muitas vezes, pela polissemia (os outros sentidos); pois as quebras na linearidade (*non sense*) dos sentidos do discurso causam riso. Já na paráfrase ocorrem estancamentos dos sentidos: os sentidos são, em parte, estancados pela constante repetição, o que dissemos antes, causa a cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros sentidos. O discurso religioso funciona no nível discursivo através do uso de paráfrases. Essa característica também nos faz pensar no conceito de reversibilidade, proposto por Orlandi (2006) ao trabalhar com o discurso religioso.

O fiel enuncia nas cartas a partir da condição de “Homem de Deus” / “Temente a Deus” / etc., mas ele sabe que não é Deus e que este lugar em seu discurso é apenas imaginário, pois ele somente “faz falar a voz de Deus”. Ele não é a voz de Deus, é um “instrumento” que ecoa a voz de Deus. Percebe-se que no discurso religioso cristão a reversibilidade é zero, pois Deus (no imaginário dos sujeitos cristãos), segundo Eliade (2001),

pertence ao mundo espiritual e os humanos ao mundo material ou mundano. Um humano não pode ser Deus nem ocupar o lugar dele, pois ambos se situam em planos distintos. No entanto, quando um fiel faz uso do discurso religioso cristão, é como se ele (ao menos naquele momento) trocasse de lugar com Deus. É isso o que Orlandi (2006) chama de reversibilidade. Em outras palavras, troca de lugares entre interlocutores no e pelo discurso. Temos, então, que no discurso religioso cristão, há uma ilusão (necessária?) da reversibilidade.

Soares (2006) nos ensina que em muitas cartas parece haver o que ele chama de “Teatralização do ‘Eu’”, produzida, como foi dito antes, por um sujeito supostamente controlador de tudo o que diz e pensa, ignorando-se as relações entre inconsciente e língua(gem).

O ato de escrever nas sociedades modernas, chamadas por De Certeau (2001) de “escriturísticas”, está estreitamente ligado à construção de identidades que não se ligam mais, quase que exclusivamente, à oralidade, como ocorria no passado, mas ao ato de escrever, convencionalizado em uma prática mítica moderna (por exemplo: escrever um diário, escrever um livro de memórias, pichar um muro, escrever um perfil no site de relacionamentos intitulado “Orkut”, etc.). Voltemos ao nosso *corpus* específico. Nas cartas analisadas o ato de enunciar - não pela fala, mas pela escrita, que, nestas cartas, apresenta-se como uma teatralização onde a fala é encenada na escrita das cartas - está intimamente ligado à construção de identidades por parte dos leitores que escrevem as cartas e as enviam para provável publicação, aguardando aceite. De acordo com Hall (2005, p. 51), “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”. Esses sentidos são construídos por memórias que conectam o presente ao passado e constroem memórias do futuro.

Temos aqui, em Soares (2006) e em De Certeau (2001) um papel comum – em parte – do sujeito no discurso: um sujeito que teatraliza (ao escrever uma carta ou qualquer outro gênero textual) e é teatralizado (a AD nos mostra que ao produzir linguagem o sujeito também é reproduzido nela). Embora as cartas não comentem as matérias publicadas pelo jornal, o que comumente ocorre com as demais cartas enviadas às redações, nas quais um leitor escreve opinando sobre a reportagem, aqui as cartas comentam as características de quem a escreveu e da pessoa pretendida (que se procura conhecer). Além disso, elas também comentam e adjetivam os enunciados: “Homem de Deus” / “Mulher de Deus” /, dentre outros. A título de exemplificação e para auxiliar com maior simplicidade de detalhes a capacidade explicativa deste estudo, será utilizado, paulatinamente neste trabalho, o conceito de Equação Lingüística (exemplo: Homem de Deus = que seja da IURD), cunhado por Soares (2006, p. 64) como sendo “a equivalência de sentidos entre duas ou mais expressões produzidas e recorrentes no interior de uma determinada formação discursiva a partir de certas condições de produção de sentido”. Este conceito tem se mostrado bastante útil, pois, em muitas formações discursivas, duas ou mais

expressões produzidas em determinadas condições de produção de sentidos apresentam equivalência de sentidos.

No que concerne ao funcionamento parafrástico (uso de paráfrases), essa contínua repetição dos enunciados (novamente, a homogeneização das narrativas das cartas pela coluna, pelo discurso religioso e pelos fiéis) desloca, repete, molda a antiga memória discursiva, na qual, a nova memória, isto é, a memória do presente e do futuro que está sendo (des)construída pelo discurso ganha novas identidades. A nova memória traz consigo elementos discursivos da antiga memória: “Sou um homem de Deus”, mas agora re-significados e exemplificados aqui a partir da seguinte equação lingüística: “Homem de Deus” / “Mulher de Deus” / “Temente a Deus” / etc. = Membro da IURD.

Quando alguém diz: “Sou um homem de Deus”, esse enunciado (que já é, em parte, cristalizado na nossa memória discursiva coletiva) não vem “vazio”. Mesmo que – hipoteticamente falando - ele viesse, imediatamente seria “preenchido” pela nossa memória discursiva (não apenas discursiva, mas também, histórica, simbólica e social) relativa ao discurso religioso cristão. A memória, como nos ensina Orlandi (2005, p. 31), “tem certas características quando pensada em relação ao discurso”. Sob o viés do discurso a memória é tratada como interdiscurso – o deslocamento entre as formações discursivas que determina materialmente o efeito de encadeamento e o efeito de articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito” -, isto é, algo que fala, que ecoa, que significa antes de algum lugar. A memória acaba por sustentar cada tomada de palavra, pois também é interdiscurso. O dizer do sujeito que enuncia retorna sob a forma do já-dito (pré-construído) e isso afeta os processos de significação, pois o que se diz, é dito a partir do que já foi dito, e esse dito ecoa na memória interdiscursiva jogando com outros discursos e re-produzindo determinados efeitos de sentido. O conceito de memória interdiscursiva, conforme nos dizem Maingueneau & Charaudeau (2006) citando Moirand, “é fundamental quando se trabalha com textos da imprensa”, pois estes, muitas vezes, funcionam sob o regime de alusão a discursos já ditos e que (no nosso caso) são retomados e re-significados. A imprensa é uma espécie de “malha discursiva” na qual há muitos discursos e formações discursivas em relações de aliança, dominação e antagonia.

Na maioria das cartas analisadas os enunciados vêm acompanhados de uma adjetivação. De acordo com Bakhtin (2000), quando alguém adjetiva, materializa no ato “linguageiro” de adjetivar, valores sócio-culturalmente construídos em relação ao que é adjetivado (por exemplo: bom ou mau, aceitação ou repúdio, etc.). Outra característica importante a ser considerada nos adjetivos (além de sua carga lingüística, sócio-ideológica, simbólica, histórica e cultural) é a sua capacidade em expressar uma variada gama de sentimentos e de estados emocionais. Nesse caso, observa-se que o que é adjetivado nas narrativas dessas cartas é principalmente: o sujeito que as escreve (Fiel, Simpática, Paciente, Temente a Deus, etc.) e indiretamente a IURD, pois na maioria das vezes, depois de se adjetivar com características tomadas como positivas para a nossa sociedade, o sujeito

deixa claro o seu vínculo com a IURD. O discurso religioso cristão dessas cartas - assim como muitos outros discursos - é marcado pelo que Foucault (2002, p. 39) chama de “ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. Isso quer dizer que nem tudo pode ser dito em determinadas circunstâncias e que não se pode falar tudo o que quer. O sujeito fala a partir de uma posição, de uma ordem, de um ritual, preestabelecidos no e pelo discurso. Ele não fala o que quer, mas o que lhe é permitido dizer a partir de determinado lugar que ocupa na sociedade.

Além dessa característica, podemos também, pensar essa prática jornalística e discursiva como um discurso dirigido aos pares, pois se escreve (geralmente) a um público específico (os membros da IURD) e aos demais leitores (futuros membros em potencial). A partir da análise da materialidade da linguagem presente nas narrativas homogeneizadas dessas cartas, percebe-se o seu caráter catequético e institucional. Em muitas dessas cartas “Homem de Deus” / “Mulher de Deus” / “Temente a Deus” / etc. = ser membro da IURD. Esse é o efeito de sentido produzido pela homogeneização das narrativas das cartas de leitores e pela adjetivação dos enunciados cristalizados. Portanto, o “discurso sentimental” (o que propõe encontros nesta coluna) é uma forma de reprodução da moral religiosa e de catequese dos leitores.

Constrói-se (no e pelo discurso) a partir dessas narrativas homogeneizadas e desses enunciados cristalizados e adjetivados uma memória do presente e do futuro (e também uma identidade) em relação ao ser cristão. Essa memória do presente e do futuro liga-se à construção de uma identidade específica: ser membro da IURD, que vem acompanhado de uma adjetivação: Fiel, Simpática, etc. Além disso, a homogeneização (tomada aqui como processo parafrástico: repetição de um discurso com outras palavras) das narrativas das cartas de leitores na coluna, também é marca de (des)construção de uma identidade. Há medida que uma identidade é construída (ser da IURD = Homem de Deus, Mulher de Deus, Temente a Deus, Fiel, etc.), outra é apagada (não ser da IURD em oposição a ser da IURD: o não-dito que influi no que é dito, pois o que é dito pode ser, muitas vezes, uma negação, uma resposta ou um acordo a um já-dito, mas que não é dito explicitamente naquele discurso). Temos aqui, nas homogeneizações das narrativas das cartas, nas adjetivações e nos enunciados cristalizados (todos atuam como operadores de uma memória discursiva), produções discursivas de memórias e identidades.

As análises do funcionamento discursivo destas cartas dentro do discurso jornalístico permitiram, até o presente momento desta pesquisa, constatar que o discurso religioso das cartas funde-se com o discurso jornalístico, construído a partir do que Mariani (2005, p. 07) chama de mitos de “verdade, objetividade, neutralidade e imparcialidade”; produzindo assim, uma espécie de jornalismo religioso-institucional da IURD.

Os efeitos de sentido dessas narrativas escritas por diversos leitores e homogeneizadas pelos fiéis, pelo discurso religioso cristão e pela coluna (por meio da constante repetição) vão se naturalizando no imaginário de

muitas pessoas (especialmente quando os próprios sujeitos que escrevem e lêem as cartas desta coluna os tomam para si e os fazem ecoar em seus discursos) a ponto de ganharem o *status* de verdade absoluta. Para muitas pessoas que lêem essas cartas fica naturalizado ou cristalizado o conceito de que ser praticante de uma religião cristã (em especial, sendo membro da IURD), submetendo-se aos seus dogmas e demais ensinamentos e acreditar em Deus, sejam fatores essenciais para se atingir um estado de bem-estar.

Conclusões

Os resultados têm demonstrado que devido à constante repetição desses enunciados cristalizados e adjetivados (por intermédio da homogeneização das narrativas das cartas pelo discurso religioso cristão, pela coluna e pelos fiéis que tomam estes sentidos para si e os fazem ecoar em seus discursos) são construídas memórias e também identidades do presente e do futuro em relação ao “ser cristão” no que se convencionou em chamar de “Pós-Modernidade”. Na grande maioria das cartas publicadas e analisadas “Homem de Deus” / “Mulher de Deus” / “Temente a Deus” / dentre muitos outros enunciados = ser membro da IURD. Conclui-se que o discurso jornalístico tem papel fundamental nesse processo, pois difunde sob o pretensão domínio de verdade, objetividade, neutralidade e imparcialidade, informações que podem ser interpretadas como propagandas institucionais da IURD. Percebe-se também, que as memórias e as identidades não são estáticas e que a mídia constantemente trabalha com elas (utilizando-se das mais variadas práticas discursivas). No discurso jornalístico, aqui brevemente analisado, parece haver em todos os momentos, lutas para que determinadas memórias e identidades cristalizem-se em detrimento de outras e venham, assim, construir memórias e identidades do presente e do futuro. As memórias e identidades fragmentam-se, diluem-se, são manietadas e, ao mesmo tempo, parecem lutar por um espaço em meio à arena dos discursos e seus espetáculos discursivos da “Idade Mídia”.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador: pela paciência, profissionalismo e educação com que tem conduzido a minha orientação; ao Programa de Iniciação Científica Voluntário da Universidade Estadual do Oeste do Paraná: pela oportunidade; aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Discurso e Ensino (UNIOESTE/CNPq) pelas oportunidades que têm me dado; ao Prof. Dr. João Carlos Cattelan (UNIOESTE) pelas contribuições a este texto e aos meus pais Pedro e Iracema: minhas paixões.

Referências

Althusser, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Charaudeau, P.; Maingueneau, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.
- De Certeau, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Eliade, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Foucault, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- Gadet, F.; Hak, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.
- Hall, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.
- Mariani, B. *Para que(m) serve a psicanálise na imprensa?* 2005. Disponível em: <http://www.geocities.com/gt_ad/bethania.doc>. Acesso em: 21 fev. 2009.
- Mussalim, F.; Bentes, A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Navarro, P. (*Discurso, História e Memória: Contribuições de Michel Foucault ao Estudo da Mídia*) In *Estudos do Texto e do Discurso. Interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória*. Tasso, Ismara (org.), Ed.: Claraluz (ed.). São Carlos-SP, 2008, Vol.2, p. 59-74.
- Orlandi, E. P. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 2006.
- Soares, A. S. F. *A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)*. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.